



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9153 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPED (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

RESPINGOS E OS MOVIMENTOS DE TRANÇAR AS REDES A PARTIR DO CURTA-METRAGEM “FILHAS DE LAVADEIRAS”

Talita dos Santos Malheiros Gregorio - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rafaela Rodrigues da Conceição - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lucia Teresa Romanholli - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

RESPINGOS E OS MOVIMENTOS DE TRANÇAR AS REDES A PARTIR DO CURTA-METRAGEM “FILHAS DE LAVADEIRAS”

Resumo

Esse texto-conversa foi *‘ouvidosentidopensado’* a partir do encontro entre três pesquisadoras com o curta metragem “Filhas de Lavadeiras” (2019) da cineasta e historiadora Edileuza Penha de Souza que em homenagem ao livro da ativista e professora Helena Vargas da Silveira (2012), referendou as lavadeiras através de um ornamentado de memórias, histórias de vidas e relatos que fazem parte das nossas próprias existências enquanto mulher. Uma experiência plural de afetos e afecções que balançam nossas emoções iniciando conversas sobre as lutas de mulheres que caminharam entre vielas criando possibilidades para lavar, torcer e secar as amarras históricas e assim reafirmar a necessidade de um outro currículo possível que de fato esteja na bacia, tanque ou córrego das redes educativas de todos os envolvidos. Assim, tão logo, as conversas lavadas e quaradas nesse texto de narrativas-memórias respingam nas andanças que criamos em nossas redes educativas e estudos. Caminhos que ainda estão sendo trançados por novas imagens, sons e artefatos culturais que encontramos em nossos *‘espaçostempos’* cotidianamente.

Palavras-chave: Cotidianos, conversas, lavadeiras, cinema, artes.

O olho do sol batia sobre as roupas do varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (EVARISTO, 2008, ‘epígrafe’)

Este texto busca trazer alguns respingos dos atravessamentos de três jovens pesquisadoras feministas e antirracistas, com as afecções produzidas ao *‘verouvirsentirpensar’* o curta-metragem “Filhas de Lavadeiras” (2019), de Edileuza Penha de Souza - vencedor na categoria de Melhor Curta-Documentário no “É Tudo Verdade”, um dos maiores festivais de cinema

não-ficcional da América Latina.

Edileuza, professora do Instituto Federal de Brasília (IFB) e cineasta, produz com a fluidez das águas, um filme por, sobre e para as mulheres, tecendo imagens-narrativas de existências, relatos e entrelaçamentos de mulheres negras marcadas por suas lutas e formas de resistências. Histórias que foram hegemonicamente apagadas ou silenciadas. “Narrar a vida e literaturizar a ciência”, tão logo, é um movimento necessário, que permite pensar as narrativas dessas mulheres negras como *‘conhecimentossignificações’* que surgem em inúmeros *‘espaçostempos’* a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além de textos escritos” (ALVES, 2019, p. 33).

Este movimento descostura a ideia de que a nossa inserção inicial na sociedade deva ser feita somente através do aprendizado da escrita e da leitura, e valoriza o emaranhado das falas, dos sons, das músicas, das imagens, dos gestos, dos cheiros e dos gostos como *‘conhecimentossignificações’* necessários à vida e à superação da textualidade como um caminho possível para a circulação de *‘saberesfazeres’* tão caros a “circulação da produção e conversação científica” (CALDAS, 2010, p. 73).

Quando *‘vemosouvimosentimos’* os cotidianos através de imagens e sons criamos possibilidades para entender como pesquisar com os cotidianos é ser atravessado por múltiplas redes educativas que nos formam e pelas quais somos formadas (ALVES, 2019, p. 115), criando versões de mundos temporários, polifônicos e instáveis. O filme costura narrativas das mães que assumem suas histórias de vida e se arriscam a um outro desenho para suas filhas. Intenta-se então dar ciência a trajetória dessas mulheres, compreender suas composições e, com destaque suas instâncias formativas, sublinhando os cruzamentos entre sociabilidades femininas e educação. Ressignificam suas vidas ocupando espaços que foram historicamente interditados. São redes de *‘conhecimentossignificações’* (ALVES, 2015) que alargam o sentido de escola, de universidade e de formação.

A composição de narrativas apresentadas no curta quararam memórias familiares até então desconhecidas em uma de nós, que ao ver o filme acolhida com sua mãe, remexe as lembranças de sua bisavó Leontina - lavadeira no interior de Minas Gerais, no município de Ubá. Na bacia das memórias, sua mãe conta que as lavagens nos córregos e cachoeiras eram corriqueiras na região. E que naquela época, por volta dos anos de 1920, sua bisavó, lavava roupa na “tina” (uma espécie de bacia de madeira) com um sabão feito de banha de porco e, após colocar para quarar no sol, passava, engomava e vincava no ferro de brasa. As músicas cantadas ao lavar as roupas, os varais repletos de lençóis estendidos e as brincadeiras em meio aos respingos d’água também foram lembranças resgatadas por outra autora desse texto. Uma infância simples, mas repleta de afetos, sons, imagens e cheiros inesquecíveis.

Tais redes educativas dos “usos” das artes (ALVES, 2019, p.120) emergem como possibilidade de *‘fazerpensar’* através das artes, narrativas, memórias e falas reverberadas por mulheres que orquestram suas histórias e resgatam as memórias de muitos cotidianos brasileiros periferizados. Esse artefato cultural, o filme, é assim produzido por personagens que anseiam por mudar o rumo da história, apresentando seus modos de existir e ecoar para os diversos cantos do mundo indo contra a corrente de uma engomação artística vista por um ‘centro’, dita o que é singular e original e enclausura em um pote um “grande território das coisas desimportantes consideradas não-arte” (MARTINS, 2019, p. 181-182). Por esses e outros motivos que as conversas são parte de uma metodologia de nossas pesquisas, pois “elas contribuem para refletirmos, desconstruirmos e/ou criticarmos algumas falas ou pensamentos enraizados socialmente que deveríamos rever” (MACHADO, CASTRO, ROCHA e LOBO, 2021). Conclusões, tensões, criações e inúmeras problematizações podem ser geradas a partir dessas conversas. As inconclusões também são bem-vindas.

Conversar é, antes de qualquer coisa, dar-se ao encontro com *outros*, é permitir afetar-se pelo que diz o outro, é produzir efeitos através de atos de enunciação responsiva. (...) Uma conversa não começa e nem termina, é a continuidade da vida, é fluxo discursivo feito de emendas. O assunto parte de um ponto, passeia por tantos outros, transita entre mídias. (NOLASCO-SILVA, 2019, p. 38).

Vale, por assim dizer que, nossas pesquisas se fazem no torcer e estender da formação e dos fazeres enquanto professoras das séries iniciais do ensino fundamental e que apresentam o filme “Filhas de Lavadeiras” como uma das pontas de um fio de novelo que ao ser puxado “desinibiliza” (SANTOS, 2010, p.19) os saberes/fazeres/pensares presentes no cotidiano das mulheres de origem cultural diferente daquela valorizada e reconhecida pelo pensamento hegemônico. Mulheres que, a despeito de uma sociedade marcada pelo machismo e pelo racismo (RIBEIRO, 2018) tomaram outras avenidas e vielas para quebrarem os ciclos e acontecimentos e as fizeram entrar no significado de luta criando um outro contorno para suas vidas.

E o barulho da água que escoar no riacho se derrama sobre nossas pesquisas abrindo caminhos que margeiam nossas conversas...

Nota

As autoras utilizam a escrita de palavras unidas, em itálico e entre aspas simples, porque consideram que as dicotomias limitam o desenvolvimento da sua corrente de pesquisa. Por vezes, algumas palavras aparecem invertidas em relação ao modo como são ditas para mostrar a multiplicidade dos cotidianos com os quais vivemos, nos formamos e pesquisamos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Praticantepensante de cotidianos/ organização e introdução* Alexandra Garcia, Inês Barbosa de Oliveira; textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2019, p.115-134.

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, após muitas ‘conversas’ acerca deles. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Org.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV Editora, 2019. p.19-45.

SANTOS, Boaventura Souza Para além do pensamento abissal. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*, p. 31-83. São Paulo: Cortez, 2010

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. *Redes de conhecimentos e significações e a divulgação científica em Educação – o caso do jornal eletrônico Educação & Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2010. (dissertação de mestrado)

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, epígrafe.

MACHADO, Marcelo; CASTRO, Maria Cecília; ROCHA, Renata; LOBO, Thamy. Tecendo conversas acerca das tecnologias nos cotidianos escolares – os ‘usos’ do filme ‘Sierra Burgess’. In *RAIN*, 2021, Vol.1, N°1, p.183-197.

MARTINS, Alice Fátima. Nem borda, nem marginal ... muito menos naif. In Martins, Alice Fátima. Outros fazedores de cinema: narrativas para uma poética da solidariedade. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos. Salvador: Editora Devires, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Filme

FILHAS DAS LAVADEIRAS. Filme dirigido por Edileuza Penha de Souza. Documentário, colorido. Distrito Federal, 2019. 22 min.